

Olhares que Resistem: a Fotografia como Letramento Racial e Expressão da Negritude na Formação Docente em Geografia

Sana Leticia do Rosário Conceição[1]
Aline Estefane Santos Nascimento[2]
Gisele das Chagas Costa[3]

Palavras-chave: Anti-racismo; Fotografia e Geografia; Formação de Professoras.

INTRODUÇÃO

Sou Sana Letícia, estudante negra do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus V, em Santo Antônio de Jesus. Ao lado da minha colega Aline Nascimento, também estudante negra do mesmo curso, tivemos a honra de participar da criação e execução da exposição fotográfica intitulada “Olhares que

[1]Estudante do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia – Campus V. Membro do AFROUNEB (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros) e do NEPPINS (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Populações Negras e Indígenas).

[2]Estudante do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia – Campus V. Membro do AFROUNEB (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros) e do NEPPINS (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Populações Negras e Indígenas).

[3] Doutora em Desenvolvimento Regional e Urbano, professora da Universidade do Estado da Bahia – Campus X. Membro da Sociedade Brasileira de Ecologia Humana (SABEH). Membro do Grupo de Pesquisa GEOREDE (UNEB).

resistem: A fotografia como ferramenta de letramento racial e representação da negritude". Essa experiência se deu durante o semestre letivo de 2024.2, na disciplina de Fotografia e Vídeo, ministrada pela professora e orientadora Gisele das Chagas Costa, que nos proporcionou uma rica vivência política e educacional.

A proposta da exposição durante a disciplina compôs um conjunto de ações inter-relacionadas, integrantes do Projeto de Extensão Universitária intitulado Aldeando e Aquilombando a Educação: uma proposta extensionista entre universidade e escola na educação das relações étnico-raciais. O objetivo desse projeto de extensão, desenvolvido ao longo de 2024, foi aproximar estudantes do curso de Licenciatura em Geografia do Campus V, Santo Antônio de Jesus, às questões étnico-raciais e de letramento racial que envolvem a construção de conhecimento geográfico escolar de base decolonial, através de ações extensionistas pautadas na integração dos diversos saberes produzidos pelos sujeitos envolvidos nas escolas parceiras e na UNEB.

Entre os desdobramentos do referido projeto, nos foi proposto uma atividade de campo que envolveu situarmos a questão étnico-racial em um contexto geográfico de nosso cotidiano, com culminância em uma exposição fotográfica em nosso Departamento de Ciências Humanas (DCH V), durante a Semana de Consciência Negra, evento institucional que abarca anualmente os diversos campus da UNEB e que ganha contornos significativos no DCH V, pelo fato de que o mesmo se encontra inserido no Recôncavo Baiano, Território de Identidade com expressiva população negra e importante legado histórico, político, econômico, espiritual e cultural do Povo Negro.

Desde o início, a proposta da atividade de campo com sistematização dos resultados através da organização de uma exposição fotográfica nos instigou profundamente, pois nos reconhecemos como sujeitos protagonistas na construção de um projeto que dialoga diretamente com nossas vivências e ancestralidades. O processo de criação foi atravessado por reflexões críticas sobre como nossos corpos negros - corpos territórios de resistência - são representados e, mais ainda, como podemos nos autorrepresentar por meio da fotografia. Esse movimento de olhar para si e para o outro de forma crítica e amorosa fez emergir imagens que não apenas retratam, mas também reivindicam e afirmam a negritude em suas múltiplas dimensões expressas no espaço geográfico.

A escolha do título da exposição surgiu da urgência de resistir, de afirmar a existência de olhares negros que historicamente foram silenciados, mas que agora se posicionam e se impõem com orgulho. A fotografia, nesse sentido, foi mais do que uma ferramenta técnica: foi um instrumento de letramento racial, de construção de identidade, de denúncia e de celebração.

Esse trabalho tem como objetivo refletir sobre os impactos do projeto “Olhares que resistem” na formação docente de jovens mulheres negras do curso de Licenciatura em Geografia da UNEB - Campus V, destacando como a experiência com a fotografia, o letramento racial, a representação da negritude e a ressignificação estética contribuíram para o fortalecimento de suas identidades, práticas pedagógicas e pertencimento no espaço acadêmico. Para tanto, optamos pelo relato de experiência (Mussi, Flores, Ameida, 2021) apoiado no método autobiográfico (Bueno, 2002; Passeggi, Souza, Vicentini, 2011) e pesquisa de base bibliográfica (GIL, 2002) para a estruturação deste texto.

A fotografia se revela como importante instrumento norteador para se pensar as as geografias negras, registrando e celebrando os contributos de cada corpo território negro no espaço geográfico.

DISCUSSÕES

Desenvolvemos o projeto “Olhares que resistem: A fotografia como ferramenta de letramento racial e representação da negritude” em três etapas distintas, porém inter-relacionadas: pré-campo, campo e pós campo. No pré-campo discutimos o referencial teórico básico sobre Fotografia e Geografia, além de textos sobre letramento racial negro. buscando um aprofundamento do olhar geográfico sobre as geografias negras. Nessa etapa, foi possível desenvolver habilidades técnicas da arte de fotografar, através da participação na “Oficina para Celular”, tendo como formador o fotógrafo Vagner Rodrigues da Silva, Assessor de Comunicação da UNEB Campus V. Na etapa de campo, realizamos registros fotográficos, tanto no Campus V como em nossas Comunidades, aplicando/aprimorando as técnicas de fotografia e o olhar sensível, considerando os temas que direcionaram nosso olhar para tais ações. No pós campo selecionamos as fotografias e escrevemos textos sobre as mesmas, buscando aprofundar a reflexão sobre a temática em tela. Após, organizamos a exposição e realizamos, no dia da abertura, uma Roda de Conversa sobre o tema, com o relato de nossas percepções sobre o todo do trabalho desenvolvido e mediado pela professora orientadora do projeto.

A estruturação desse processo como um relato de experiência está ancorada na compreensão de que narrativas vividas em contextos formativos também são formas válidas e legítimas de produção de conhecimento. Mussi, Flores e Almeida (2021) afirmam que o relato de experiência é um instrumento potente para refletir criticamente sobre a prática, articulando teoria, vivência e análise. O nosso projeto, ao se constituir como prática pedagógica em contexto de formação inicial, permite evidenciar aprendizagens significativas e saberes construídos no cotidiano universitário, com base nas nossas vivências enquanto mulheres negras.

Além disso, a perspectiva autobiográfica que atravessa o trabalho reforça a centralidade da subjetividade na produção de conhecimento, especialmente quando se trata de sujeitos historicamente marginalizados. Bueno (2002) destaca que o método autobiográfico possibilita aos sujeitos se reconhecerem em suas trajetórias e construírem sentidos para sua prática a partir da rememoração e análise de suas experiências. Ao relatar nossas histórias por meio da fotografia e da escrita, reafirmamos a potência do corpo território negro como fonte e forma de saber.

Dividimos a exposição em três eixos fundamentais: a ressignificação da estética negra, o fortalecimento da identidade e reposicionamento de corpos negros, e a valorização da contribuição negra no comércio local. No primeiro eixo, escolhemos fotografias que valorizam elementos da estética afro, como as tranças, o cabelo crespo, e os traços étnicos que historicamente foram marginalizados. Fotografar essas estéticas foi também um ato de autocuidado e de reconhecimento da beleza que há em nós, uma beleza que precisa ser exaltada e naturalizada no cotidiano.

No segundo eixo, buscamos retratar estudantes negras e negros ocupando espaços de poder, como a própria universidade. Ver nossos corpos ali, ocupando a UNEB, foi um grito de resistência e pertencimento. Essas imagens falam sobre representatividade, sobre como é urgente que a juventude negra se veja e se sinta parte do espaço acadêmico. Foi um processo de deslocamento simbólico e real: sair da margem e ocupar o centro.

O terceiro eixo abordou a contribuição de pessoas negras no comércio de Santo Antônio de Jesus. As fotografias apresentaram feirantes negros que comandam seus próprios negócios, reafirmando a autonomia, a sabedoria ancestral e a força de trabalho da população

negra na economia local. Valorizar esses sujeitos é reconhecer sua importância e resgatar narrativas que muitas vezes são invisibilizadas.

Essa exposição foi um marco em nossa minha formação docente. Enquanto futuras professoras de Geografia, compreendemos que a prática pedagógica deve ser também um espaço de enfrentamento das desigualdades e de construção de saberes plurais. O projeto nos proporcionou uma vivência que articula teoria e prática, trazendo o corpo-território negro como um campo de leitura e de produção de conhecimento espacial. A Geografia que ensinamos e aprendemos precisa dialogar com os corpos que a constroem, com os territórios afetivos, simbólicos e políticos que ocupamos.

Nesse processo, compreendemos que o corpo negro é um território de memórias, de resistência e de insurgência. Através da fotografia, conseguimos mapear nossas dores, nossos afetos, nossas lutas e conquistas. O corpo-território negro deixa de ser apenas objeto de estudo e se transforma em sujeito ativo na construção de narrativas e práticas pedagógicas antirracistas.

Além disso, a exposição fortaleceu o nosso sentimento de pertencimento à universidade. Durante muito tempo, nos perguntamos se esse espaço também era nosso. Através desse projeto, respondemos com firmeza: sim, é nosso. A fotografia nos possibilitou ocupar e transformar esse espaço, projetando nossos rostos, nossas histórias e nossas lutas nos corredores da UNEB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da fotografia neste contexto vai além da estética. Ela se torna ferramenta de leitura do mundo, de intervenção social e de construção de identidade espacial. Através da imagem, conseguimos dialogar com a comunidade acadêmica e com o público externo, provocando reflexões e despertando consciências. A fotografia, portanto, se afirma como linguagem potente na formação docente, permitindo outras formas de ensinar e aprender.

Ao finalizar essa experiência, carregamos a certeza de que nosso olhar negro é um ato político. Que resistir é também criar, imaginar, construir. E que a educação que queremos passa necessariamente pelo reconhecimento das nossas histórias, das nossas estéticas e dos nossos territórios.

Essa exposição não foi apenas um projeto acadêmico. Foi uma vivência transformadora, um exercício de afirmação e de ancestralidade. Foi, sobretudo, uma aula de humanidade, ministrada por nós, estudantes negras, que ousamos olhar e sermos olhadas com dignidade, beleza e resistência. Esse processo formativo, alicerçado nas abordagens do relato de experiência e da escrita autobiográfica, fortaleceu nossa compreensão de que ensinar e aprender são também atos de narrar, ressignificar e resistir.

REFERÊNCIAS

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/ep/a/fZLqw3P4fcfZNKzjNHnF3mJ/?format=pdf. Acesso em: 01 maio. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práx. Educ.**, Vitória da Conquista , v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 maio 2025. Epub 25-Nov-2021. https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010.

Passeggi, Maria da Conceição; Souza, Elizeu Clementino de; Vicentini, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Dossiê Educ.** rev. 27 (1). Abr 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edur/a/hkW4KnyMh7Z4wzmLcnLcPmg/. Acesso em: 02 maio 2025.